

# BA's são propriedade de Pretória

31.3.88

por Mário Ferro

Um alto funcionário do Departamento do Estado norte-americano, no seu gabinete de trabalho em Washington, falando calma e pausadamente como se estivesse a ler o futuro, disse-nos em 1985: os bandidos armados têm os seus dias contados e eles estão a tactear as paredes. Estas paredes estão a definir-se claramente.

Depois esclareceu-nos, em tom de confidência: o «empreiteiro da obra» é a África do Sul. Hoje, mais do que nunca, a Administração norte-americana tem consciência de que a responsabilidade dos problemas em Moçambique são causados do exterior.

E adiantou-nos: é preciso fazer-se pressão sobre a África do Sul para a implementação do Acordo de Nkomati e da Declaração de Pretória de 3 de Outubro de 1984, uma vez que Pretória não está a cumprir os compromissos assumidos com o Governo de Moçambique.

Algumas semanas depois, em Paris, um alto funcionário do Ministério da Cooperação da França (ao que parece ora extinto) dizia-nos: o conflito em Moçambique vai durar, enquanto durar o «apartheid». Disso não temos dúvidas.

Sentado numa poltrona do seu gabinete de trabalho na Rue Monsieur, esse alto funcionário, em jeito de sentença, acrescentou-nos: mas, quando o «apartheid» acabar, será preciso escanear a máquina militar e policial que sustenta o regime sul-africano.

Uma personagem importante da contra-inteligência militar portuguesa disse-nos em 1985, em Lisboa, que chefes terroristas dentro de Moçambique estariam interessados em desistir do banditismo armado, se as autoridades moçambicanas lhes oferecessem, como contrapartida, uma patente e um automóvel.

Se as autoridades moçambicanas estivessem interessadas numa «operação» desta natureza, aquela personagem da contra-inteligência militar portuguesa poderia estabelecer os respectivos contactos por intermédio de «alguém de confiança» no Malawi, que tinha acesso rápido ao interior de Moçambique.

Essa mesma personagem foi taxativa num aspecto: a realizar-se a «operação», ela nunca poderia ser do conhecimento da África do Sul. Se assim acontecesse, a África do Sul iria fazer tudo para sabotá-la, porque não estaria interessada em «deserções».

E explicou-nos como poderia ser a reacção da África do Sul: ou mandaria para a prisão aqueles que porventura, estivessem interessados em abandonar o banditismo ou mandá-los a liquidar fisicamente.

Num outro aspecto, a personagem da contra-inteligência mili-

tar portuguesa foi muito claro quando falou connosco, recorrendo ao emprego dos nomes de código de certos bandidos: nem o «General Porra», que é o Afonso Dlakhama, nem o «Alma Negra», que é o Evo Fernandes, poderiam saber da existência da dita «operação» para a não comprometer.

E porquê? Porque, como ele nos disse, tanto o «General Porra» como o «Alma Negra» são homens dos sul-africanos. Eles, o Dlakhama e o Evo Fernandes, gozam da inteira confiança das autoridades sul-africanas. Se ambos conhecessem a «operação» seria o mesmo que dizer que os sul-africanos também a conheceriam.

Nesse mesmo ano, um alto oficial dos Serviços de Informação da República Federal da Alemanha afirmou-nos categoricamente: por mais ramificações que o banditismo armado tenha na Europa, a África do Sul jamais perderá o controlo que detém sobre a sua força, ou seja sobre os bandidos armados.

E adiantou-nos: todos os esforços que têm sido feitos para dar uma imagem política credível dos bandidos armados na Europa têm sido «prejudicados» pela África do Sul. Pretória não está interessada, de forma alguma, que os bandidos armados sejam uma organização reconhecida internacionalmente.

Justificando esta posição, ele disse-nos: é que se os bandidos armados se transformarem numa organização séria, capaz de se apresentar como alternativa à Frelimo, a estratégia militar sul-africana em relação a Moçambique deixa de ter lógica e até justificação.

### PERPETUAR A CONFUSÃO

O português Paulo Oliveira, ao falar na semana passada aos jornalistas, mencionou alguns aspectos da referida estratégia militar, afirmando: o objectivo da África do Sul não é levar de modo algum os bandidos armados ao poder, mas sim aumentar o conflito, a guerra pela guerra, a violência pela violência, perpetuar a confusão no interior de Moçambique.

Quem o afirma é alguém que esteve por dentro da organização do banditismo armado, que trabalhou e conhece muito bem os sul-africanos no poder. É alguém que durante vários anos fez a propagação dos crimes cometidos pelos agentes de Pretória.

Qual o objectivo desta estratégia? Com o terrorismo, a desestabilização e a sabotagem, a África do Sul pretende matar «dois coelhos com uma cajadada só».

Por um lado, têm em vista impedir qualquer esforço de Moçambique para reabilitar a sua economia, para produzir com o fim de reduzir, sempre que for possível, a dependência externa.

Por outro lado, tornando Moçambique débil, atingirá os países independentes da região, nomeadamente os do interior que necessitam dos portos e caminhos de ferro moçambicanos para o seu desenvolvimento económico e social.

A África do Sul pretende um Moçambique dócil, subjogado aos interesses geopolíticos e geoeconómicos de Pretória. Deseja um Moçambique feito bantustão, onde possa impor a sua política e onde possa dar ordens porque a debilidade económica e social é de tal ordem que a independência pode ficar empenhada e à mercê das mãos dos sul-africanos.

Mas a África do Sul também sabe o monstro que tem e que criou. Sabe que os bandidos armados não têm quadros responsáveis e minimamente capazes e habilitados para governar Moçambique. A África do Sul está consciente de que seria o caos no nosso País se oferecesse o «poder» aos bandidos armados, mesmo que o poder real estivesse em Pretória em vez de Maputo.

Por isso, a África do Sul declarou e tem declarado o seu reconhecimento do Governo legítimo de Moçambique sob a direcção de Samora Machel, primeiro, e de Joaquim Chissano, agora.

Neste sentido, a África do Sul levou os próprios bandidos armados, como atesta a Declaração de Pretória de 3 de Outubro de 1984, a reconhecerem as instituições oficiais da República Popular de Moçambique. Então, para os bandidos armados, Samora Machel era o Presidente de todos os moçambicanos.

## ESCOLHO REMOVIDO

Paulo Oliveira, nas declarações publicamente proferidas, recordou-nos que a África do Sul detém o que designou por monopólio do banditismo armado em Moçambique. Como se disse, trata-se da estratégia militar de Pretória para defesa do seu sistema. Tem os bandidos armados em Moçambique, como tem a UNITA em Angola, os dissidentes no Zimbábue ou o extinto LLA no Lesotho.

Qualquer tentativa que seja encetada para «reformatar» a imagem dos bandidos armados, ela é de imediato destruída pela África do Sul. Qualquer pessoa, que pretenda trabalhar para que os bandidos armados sejam uma organização política credível, é imediatamente eliminada.

Paulo Oliveira indicou aos jornalistas alguns nomes de indivíduos que foram abatidos pela África do Sul, quando pretendiam mudar a imagem e a essência dos bandidos armados.

Orlando Cristina foi liquidado em território sul-africano. Fiel servidor do colonialista Jorge Jardim, que escreveu um livro com o significativo título «Moçambique: terra queimada», Cristina apa-

receu como um dos criadores do banditismo armado, primeiro na Rodésia e depois na África do Sul.

Quando morreu, crivado de balas nas costas, Cristina apresentava-se como o secretário-geral, logo substituído por Evo Fernandes, também fiel servidor de Jorge Jardim.

Segundo Oliveira, Orlando Cristina pretendia introduzir modificações no seio do banditismo armado. Ao que parece, a ideia de Cristina era «afastar» os bandidos armados da África do Sul.

Outros indivíduos mortos foram os irmãos Bomba. Um deles, Adriano Bomba, que foi piloto de «Mig» antes de desertar, foi abatido a tiro numa base importante dos bandidos armados.

Informações então postas a circular, disseram que a sua morte se registou na extinta «Casa Banana» e que ela teria sido executada por Dlakhama, a mando de um coronel sul-africano.

Boaventura Bomba foi eliminado, como se disse na época, em «condições misteriosas». Apareceu morto, disseram em Pretória, com a mais aparente simples ingenuidade. Mas, depois, veio a saber-se que Boaventura tinha sérias divergências com os militares sul-africanos, devido aos métodos utilizados no treino dos bandidos armados em Phalaborwa.

Mais recentemente, o que se chamou de «duas importantes figuras» da componente externa do banditismo armado, João Ataíde e Mateus Lopes, foram mortos numa estrada do Malawi.

A notícia posta a circular era de que ambos estavam embriagados, quando viajavam de carro entre Lilongwe e Blantyre. A via-tura, em que seguiam, chocou violentamente com um veículo pesado.

De suspeita em suspeita, concluiu-se que os dois haviam sido assassinados. E a desconfiança recaiu sobre os oficiais sul-africanos em território malawiano, que montaram o «aparato» e a «cena» do acidente em conjunto com colegas seus do Malawi.

Paulo Oliveira mostrou-se convencido de que Ataíde e Lopes foram eliminados pela África do Sul, porque ambos discordavam com os métodos utilizados por Pretória e pretendiam «afastar» os bandidos armados da órbita sul-africana.

Outros bandidos (quantos não se sabe) não escaparam à sanha assassina. Temos recolhido relatos ao longo dos últimos anos de muitos bandidos armados que nos contam sobre a eliminação física entre eles, para além da violência física como cenas de pancadaria que se registam amiúdes vezes.

As declarações que aqui publicamos são suficientemente elucidativas. Por mais voltas que se dê, o dedo acusador acaba sempre por se virar contra Pretória, muito embora se esforcem por dissociar o Governo sul-africano da agressão contra Moçambique, dando a entender que o Governo é zeloso cumpridor das suas obrigações, mas que há forças, pessoas ou organizações na África do Sul... que querem prejudicar esse mesmo governo.

Lamentável que o Governo sul-africano não seja capaz de controlar quem quer que seja e que alguém tenha o mau hábito, constantemente de pôr em causa a reputação pretoriana, chegando ao ponto de obrigar o Presidente Botha a invadir pessoalmente Angola, acompanhado de vários ministros seus, para tentar limpar as manchas de sujidade que as Forças de Defesa da África do Sul criaram à boa imagem do regime. É cinismo. É hipocrisia. É maldade...